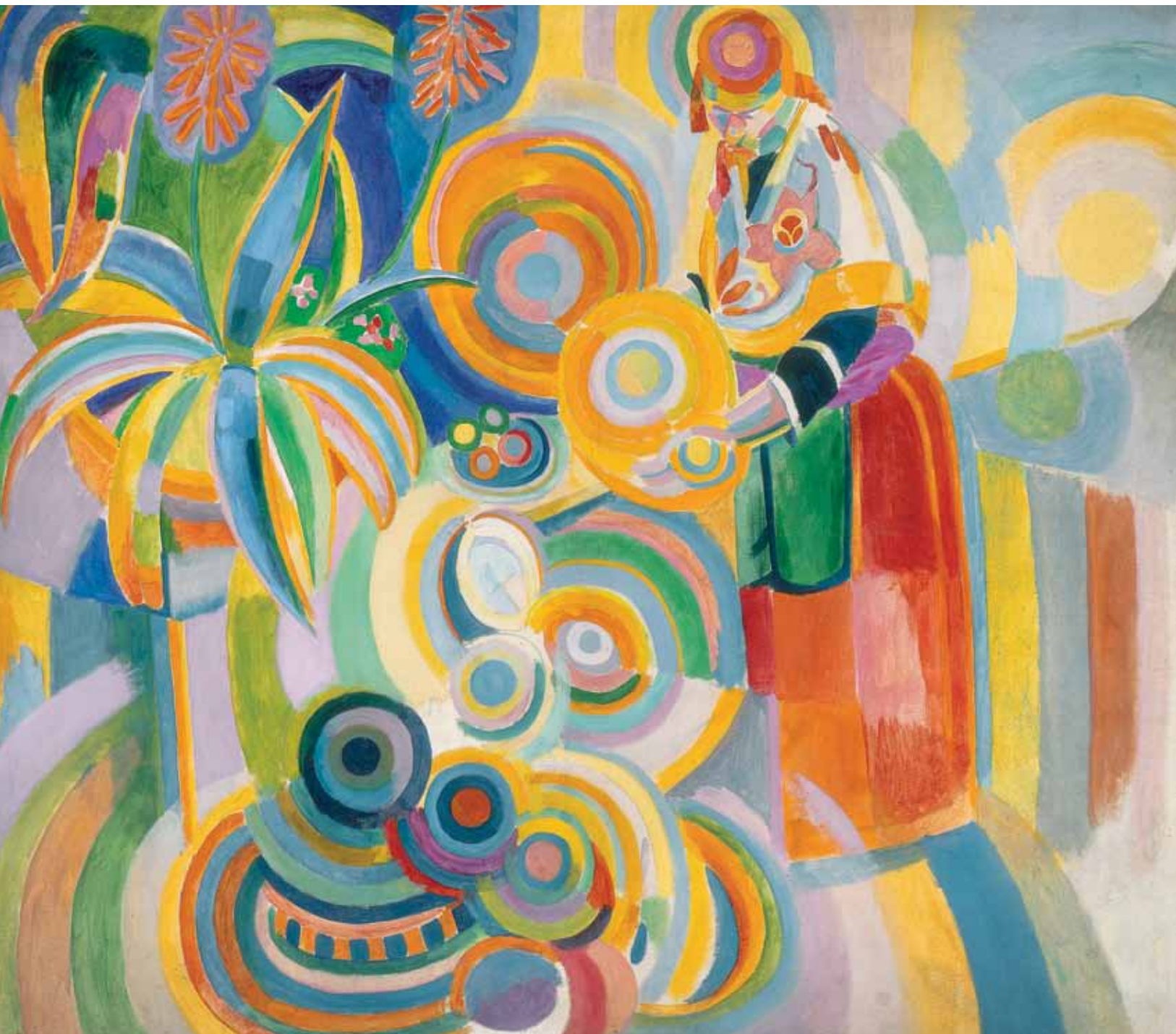


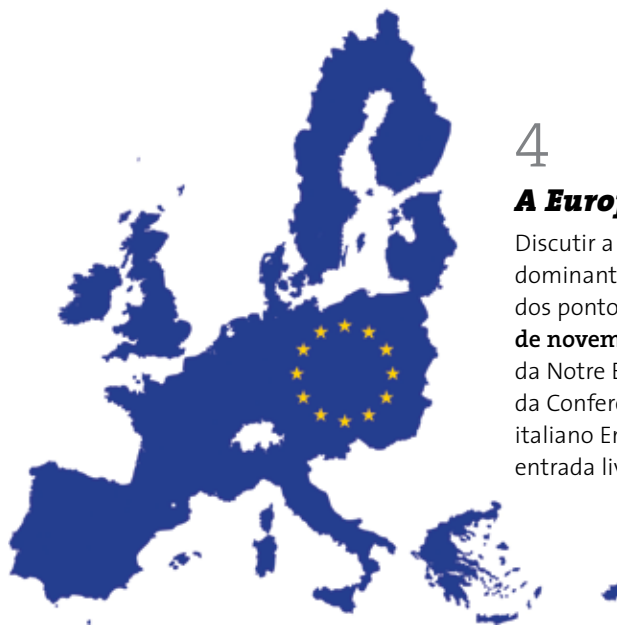


FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO 170
NOVEMBRO 2015



O Círculo Delaunay



4

A Europa para além da Crise

Discutir a Europa e o projeto europeu, num momento em que a crise dominante faz esquecer a ideia de solidariedade entre os Estados, é um dos pontos de partida da Conferência Gulbenkian agendada para dia **30 de novembro**. António Vitorino, antigo comissário europeu e presidente da Notre Europe, *think thank* fundado por Jacques Delors, é o comissário da Conferência que terá como orador principal o antigo primeiro-ministro italiano Enrico Letta. A conferência realiza-se no Auditório 2 e tem entrada livre.

7

Joseph Stiglitz na Fundação Gulbenkian

No dia seguinte à discussão sobre as divergências no atual panorama europeu, o economista norte-americano Joseph Stiglitz, prémio Nobel da Economia em 2001, estará na Fundação para falar de *Desigualdade num Mundo Globalizado*. Crítico da globalização e das medidas adotadas pela *troika* na Zona Euro, Stiglitz fará uma conferência no dia **1 de dezembro** que assinala também a celebração do Ano Europeu para o Desenvolvimento.



20

O Círculo Delaunay

Sonia e Robert Delaunay viveram no Norte de Portugal entre junho de 1915 e janeiro de 1917. Durante este período, marcado por intenso trabalho e por um grande dinamismo criativo, o casal convive com outros pintores portugueses, como Amadeo de Souza-Cardoso e Eduardo Viana, que tinham conhecido em Paris, mas também com Almada Negreiros. O resultado artístico deste período, e de todas as ligações que estimulou, está no centro da exposição que o Centro de Arte Moderna abre ao público no dia **20 de novembro**.



Robert Delaunay, *Nature Morte Portugaise ou Symphonie Colorée*, 1915-1917
© Paris, RMN

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 170.NOVEMBRO.2015 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva | [DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga

IMAGEM DA CAPA Robert Delaunay, *La grande portugaise*, 1916, Óleo e cera sobre tela © Coleção Carmen Thyssen-Bornemisza

IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 9 000 exemplares

Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



George Stubbs, *Whistlejacket e o seu Tratador com dois Garanhões*
 © Trustees of the Rt. Hon. Olive, Countess Fitzwilliam's Chattels Settlement By Permission of Lady Juliet Tadgell

24

Arte e gosto inglês em exposição

Abrem ao público no dia **27 de novembro** e ambas revelam obras de arte “ao gosto inglês”. A exposição **Wentworth-Fitzwilliam. Uma Coleção Inglesa** mostra 56 obras da Coleção Fitzwilliam, uma das mais prestigiadas coleções privadas de arte do Reino Unido. A outra exposição, **Calouste S. Gulbenkian e o Gosto Inglês** apresenta um conjunto de peças de produção inglesa ou ao “gosto inglês”, adquiridas pelo Colecionador ao longo da sua vida, muitas delas correspondendo aos anos passados em Londres e à génese da sua coleção.

26

Rufus Wainwright e outras músicas

Depois de esgotados os bilhetes para o primeiro concerto, a 27, o cantor canadiano Rufus Wainwright repete, **no dia 28**, o espetáculo sinfónico visual pensado a partir da sua ópera *Prima Donna*, composta em 2009, e já editada pela Deutsche Grammophon. Este mês, a Gulbenkian Música apresenta também dois concertos com o Coro Participativo, no Grande Auditório. O Coro e a Orquestra Gulbenkian atuam ainda em Lisboa e no Porto com Rodrigo Leão, na apresentação do seu mais recente disco.



28

Lourdes Castro. Os novos livros

Depois da exposição, entre julho e outubro deste ano, que reuniu (quase) todos os livros de artista que Lourdes Castro foi criando de 1950 a 1980, é agora editado o catálogo comprovado (*raisonné*) das suas obras, coordenado por Paulo Pires do Vale. Além do catálogo, está também já à venda uma edição concebida e preparada em estreita colaboração com a artista e que reúne num só volume as duas partes de *Un autre livre rouge*.

índice

notícias

- 4 **A Europa para além da Crise**
- 7 **Joseph Stiglitz na Fundação Gulbenkian**
- 8 **Acolhimento de Jovens em Instituição**
- 10 **A infância nos filmes**
- 11 **Vision Europe Summit 2015**
- 11 **O Papel do Voluntariado no Século XXI**
- 12 **Bolseiros Gulbenkian factos e números**
- 13 **Concerto de apoio aos refugiados**
- 14 **Os erros na divisão das células**
- 14 **Programa de Doutoramento para PALOP e Timor-Leste**
- 15 **IGC tem nova artista residente**
- 15 **As novas estruturas e o controlo celular**

16 breves

bolseiros gulbenkian

- 18 **Bernardo Pinhal**

em novembro

exposições

- 20 **O Círculo Delaunay**
- 22 **Willie Doherty**
- 23 **Hein Semke**
- 23 **As Casas na Coleção do CAM**
- 24 **Wentworth-Fitzwilliam Uma Coleção Inglesa**
- 25 **Calouste S. Gulbenkian e o Gosto Inglês**

música

- 26 **A ópera, a pop e as vozes anónimas**

28 novas edições

uma obra

- 30 **Gil Heitor Cortesão**



A EUROPA PARA ALÉM DA CRISE

Conferência Gulbenkian **A Europa para além da Crise**

Enrico Letta, antigo primeiro-ministro de Itália e uma das vozes mais ativas na defesa de uma Europa unida e solidária face à atual crise, será o orador principal da Conferência Gulbenkian, a realizar no próximo dia 30 de novembro.

As respostas à crise que atualmente se vive na Europa conduziram a uma fratura entre os países periféricos e os do centro, que tem vindo a colocar em causa os princípios de solidariedade entre os Estados membros da União Europeia e a própria consistência política do projeto de integração europeia no seu conjunto.

Por outro lado, mais recentemente, o fluxo de milhares e milhares de refugiados em direção ao continente europeu tem vindo a provocar uma outra forma de divisão entre os Estados membros da União Europeia, neste caso, entre os países do leste e oeste, por meio da expressão de diferentes sinais de solidariedade.

O pano de fundo desta Europa fraturada é representado, como sugere António Vitorino, o comissário da conferência, pelo sentimento difuso de que a Europa é um continente em declínio, com uma população em envelhecimento acelerado, perdendo competitividade no mundo global e com sérios problemas de integração dos imigrantes que procuram oportunidades de vida nos países europeus.

Esta conferência tentará responder a várias perguntas relacionadas com o momento que atravessamos: poderemos estar confrontados com uma fratura identitária perdurável que pode por em causa o sentido profundo da integração europeia? Que vias e que meios podem permitir aos euro-



Enrico Letta

peus libertarem-se dos constrangimentos que o diferente posicionamento perante a crise suscitou em termos de divisões entre os Estados? Em que medida é que as políticas europeias podem recolocar a União no centro da sua vocação histórica enquanto projeto de entendimento mútuo, de concertação de vontades iguais, de paz e de tolerância, em suma de unidade na diversidade? E até que ponto a União Europeia poderá representar para os cidadãos europeus uma alavanca de crescimento económico, criação de empregos e de coesão nas nossas sociedades?

A Conferência Gulbenkian de 2015 pretende suscitar o debate e adiantar algumas linhas de reflexão sobre estas questões, quer no conjunto da União Europeia quer no específico caso português.

DISCUTIR A EUROPA

Crítico de uma “Europa dos muros”, que considera incompatíveis com os valores europeus, Enrico Letta vai discorrer, nesta conferência, sobre o tema “Que solidariedade na diversidade?”, no âmbito de um painel que contará ainda

com a participação de **Luuk van Middelaar**, professor nas Universidades de Leiden e Louvain, e do eurodeputado **Paulo Rangel**, convidados a comentar as ideias apresentadas. Letta tem ido mais longe na sua convicção europeísta, defendendo a criação de um modelo político e económico próximo, assente na ideia de uns “Estados Unidos da Europa”. Recentemente criou uma escola para o ensino da política que tem por objetivo recuperar o que esta atividade tem de mais nobre: paixão pelo bem comum, ética e empenho público, ancorado num espírito de equipa capaz de congregar esforços e vontades.

Um segundo painel de discussão terá como tema “Crise de legitimidade – que crescimento económico e que coesão social?” e vai contar com os contributos de **Xavier Ragot**, presidente do Observatoire français des conjonctures économiques, de **Henrik Enderlein**, professor na Hertie School of Governance, de Berlim, e ainda da eurodeputada **Elisa Ferreira**. O presidente do Instituto Jacques Delors e comissário desta conferência, **António Vitorino**, fará uma intervenção final, destacando algumas ideias-chave das reflexões e propondo conclusões gerais.



Três perguntas a António Vitorino

Comissário da Conferência Gulbenkian 2015

QUAIS AS PRINCIPAIS LINHAS DE FORÇA DESTA CONFERÊNCIA?

A conferência *A Europa para além da Crise* tem como preocupação central refletir sobre o Estado da União tal como emerge deste prolongado período de crise. Não se assume que a crise esteja ela própria ultrapassada, mas pretendemos, isso sim, elevar o nosso olhar para além deste período difícil e doloroso e, portanto, interrogar-nos sobre como será possível superar as marcas deixadas pela crise em nome dos valores que devem presidir à integração europeia: a liberdade, a igualdade dos Estados, a cidadania, a prosperidade e a segurança.

Para tanto importa não escamotear os problemas e as dificuldades. A fratura aberta pela crise do euro ou as divergências bem visíveis na crise dos refugiados traçam linhas de separação que fazem vir ao de cima sentimentos e posturas de discriminação e de confronto que supúnhamos erradicadas.

ACREDITA QUE OS PRINCÍPIOS DA INTEGRAÇÃO EUROPEIA VÃO SOBREVIVER A ESSAS LINHAS DE SEPARAÇÃO?

Acredito que os valores dos “pais fundadores” não podem ser esquecidos nem distorcidos por uma geração de líderes que cresceu no contexto da integração europeia, não conheceu os horrores da guerra e tem agora a responsabilidade de impedir um retrocesso que só poderia aprofundar o sentimento de declínio e de angústia que encontramos nas nossas opiniões públicas. O desencanto e a descrença no projeto europeu têm de encontrar resposta nas lideranças e sobretudo nos resultados de crescimento económico, criação de emprego e salvaguarda do bem-estar inerente à coesão das nossas sociedades.

E DE QUE MODO AS POLÍTICAS EUROPEIAS PODEM CONTRIBUIR PARA RECUPERAR OS VALORES DE SOLIDARIEDADE E DE TOLERÂNCIA DA UE?

A insatisfação com o projeto europeu resulta em parte da dúvida fundada de que a União já não permite aos europeus enfrentarem o mundo global em que vivemos, na base dos mesmos pressupostos do passado. Isso significa assumir uma agenda de reforma da União, mas também dos Estados-membros, seja no plano económico, seja no plano social, seja na definição do papel da Europa no Mundo. O que exige uma visão clara e uma liderança capaz de afirmar esses valores, em vez de correr atrás das crises e com medo da sua própria sombra. O que às vezes implica enfrentar ideias feitas, preconceitos de toda a ordem e tentações populistas. Não há soluções fáceis, mas as respostas têm de ser encontradas em conjunto no quadro europeu. É isso que nos propomos debater em torno de dois eixos fundamentais: a superação das fraturas no respeito pela igualdade dos Estados e dos cidadãos e a garantia da coesão social baseada no crescimento económico, na criação de emprego e na solidariedade. ■

Programa

Auditório 2, Fundação Calouste Gulbenkian

15H00 | ABERTURA

Artur Santos Silva, *presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*

15H15 | CONFERÊNCIA

Que solidariedade na diversidade?

Enrico Letta, *ex-primeiro-ministro de Itália*

Comentário: Luuk van Middelaar, *Universidades de Leiden e Louvain*

Paulo Rangel, *Parlamento Europeu*

17H00 | CONFERÊNCIA

Crise de legitimidade – que crescimento económico e que coesão social?

Xavier Ragot, *Observatoire français des conjonctures économiques*

Henrik Enderlein, *Hertie School of Governance*

Elisa Ferreira, *Parlamento Europeu*

18H30 | ENCERRAMENTO

António Vitorino, *Comissário da Conferência*



Joseph Stiglitz na Fundação Gulbenkian

O nobel da Economia Joseph Stiglitz vai estar na Fundação Gulbenkian, no dia 1 de dezembro, para uma conferência sobre Desigualdade num Mundo Globalizado.

O economista norte-americano Joseph E. Stiglitz, um dos autores mais influentes em matéria de desigualdade e uma das vozes mais críticas da globalização comercial e financeira, tendo sido dos poucos que anteciparam a crise internacional desencadeada em 2008, vai proferir na Fundação Gulbenkian uma conferência no dia **1 de dezembro** com o tema *Desigualdade num Mundo Globalizado*. A conferência de Joseph Stiglitz realiza-se no Auditório 2, às 18h30, e é de entrada livre.

O antigo vice-presidente do Banco Mundial e consultor económico da Administração Clinton foi galardoado em 2001 com o Prémio Nobel da Economia pela sua análise dos mercados com informação assimétrica. Stiglitz foi também um dos autores principais do Relatório do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC), que partilhou o Nobel da Paz em 2007 com Al Gore. Em 2011, a revista *Time* colocou Joseph Stiglitz entre as 100 personalidades mais influentes do mundo.

Nascido em 1943, na cidade de Gary, Indiana, Joseph E. Stiglitz doutorou-se pelo MIT em 1967 e tornou-se professor em Yale em 1970. No mesmo ano recebeu o Prémio John Bates Clark, atribuído a economistas com menos de 40 anos que se distingam pelo seu contributo para os estudos de Economia. Lecionou em Princeton, Stanford, no MIT e em Oxford. Atualmente é professor na Universidade de Columbia, em Nova Iorque.

Stiglitz contribuiu para a criação de um novo ramo de estudos, a Economia da Informação, explorando as consequências das assimetrias de informação e utilizando de forma inovadora conceitos essenciais como a seleção adversa e o risco moral, hoje ferramentas comuns para os teóricos e analistas. O seu trabalho tem contribuído para explicar as circunstâncias em que os mercados não funcionam e onde uma intervenção seletiva do governo pode melhorar o seu desempenho.

Desde a década de 1960 que Stiglitz escreve sobre as desigualdades económicas na sociedade norte-americana. Tem dezenas de livros publicados sobre a desigualdade e a globalização, sendo o mais recente *The Great Divide: Unequal Societies and What We Can Do About Them* (2015), onde Stiglitz argumenta que a desigualdade económica nos Estados Unidos da América é uma opção, como resultado cumulativo de políticas injustas e de prioridades mal orientadas. Partindo de exemplos aplicados na Escandinávia, Singapura e Japão, defende neste livro o aumento dos impostos sobre as empresas e os mais ricos, e um maior investimento em Educação, Ciência e infraestruturas, entre outras soluções para alcançar uma sociedade mais próspera e igualitária.

Em Portugal, Stiglitz tem editados os livros *O Preço da Desigualdade* (Bertrand, 2013) e *Em Busca de Segurança* (Bertrand, 2015), em coautoria com Mary Kaldor. Mais recentemente, o livro *Debate sobre a Desigualdade e o Futuro da Economia* (Relógio d'Água), que regista um debate realizado em março deste ano entre os três "génios" da economia Paul Krugman, Joseph Stiglitz e Thomas Piketty, foi também publicado no nosso país. Entre os temas abordados neste debate estão as origens da crise de 2008, o desemprego e as desigualdades sociais, os problemas da Zona Euro e das instituições europeias, bem como a evolução dos EUA e da China.

Tal como Paul Krugman e Thomas Piketty, Stiglitz tem sido muito crítico da troika e das políticas de austeridade adotadas na Zona Euro. No *Financial Times*, juntou a sua assinatura à lista de economistas – incluindo Thomas Piketty, o ex-primeiro-ministro italiano Massimo D'Alema e o norte-americano Jamie Galbraith – que este ano dirigiram uma carta aberta aos credores da Grécia, onde era sublinhada a necessidade de ambos os lados fazerem concessões. "Um apelo à sanidade económica e à humanidade", intitulava-se o artigo. ■



Acolhimento de Jovens em Instituição

Debater as questões relacionadas com o acolhimento em instituições de crianças e jovens em risco é um dos objetivos da conferência internacional que se realiza na tarde do dia 12 de novembro, no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian, com entrada livre. A conferência terá como oradores principais Andrew Kendrick e Marta Santos Pais, além da participação de vários intervenientes portugueses que trabalham estas problemáticas.

Andrew Kendrick é professor na School of Social Work and Social Policy da University of Strathclyde em Glasgow, na Escócia, onde ensina sobre o acolhimento de jovens e crianças em risco. É também investigador de casos de abuso ocorridos em algumas instituições escocesas. A sua intervenção incidirá em três palavras-chave: relações, proteção e crescimento, que considera essenciais ao bom equilíbrio nas instituições que cuidam destas crianças e jovens.

No final da conferência, a representante especial das Nações Unidas em matéria de Violência contra Crianças falará de riscos e oportunidades no panorama atual, tendo em conta os direitos das crianças. Marta Santos Pais tem uma experiência de mais de 25 anos no domínio dos direitos humanos, tendo sido diretora do Centro de Investigação Innocenti da UNICEF. Nos anos 90 foi relatora do Comité dos Direitos da Criança e também vice-presidente do Comité de Coordenação de Políticas sobre a Criança do Conselho da Europa.

O CULMINAR DE UM PROJETO

Esta conferência é também o culminar de um projeto que a Fundação Calouste Gulbenkian desenvolve desde 2012 e que previa a intervenção junto de crianças e jovens em acolhimento em Braga, Vila Real, Reguengos de Monsaraz e Ansião. Os projetos foram desenvolvidos sob a coordenação científica de Daniel Sampaio, com o acompanhamento técnico assegurado por Hugo Cruz e Maria João Leote de Carvalho, que fará a apresentação dos resultados preliminares numa mesa-redonda intitulada “Desafios ao acolhimento de jovens em instituição”. Cada um dos intervenientes (ver programa) falará sobre o que falta fazer em Portugal nesta matéria.

ENCONTROS DE MANHÃ

Neste dia, serão realizados três *workshops* das 10h00 às 12h30, com inscrição obrigatória até ao dia 5 (<https://www.tfaforms.com/394156>) onde serão tratados temas como: Comportamento dos jovens e saúde mental, com Teresa Goldschmidt e João Beirão; Jovens e internet: riscos e potencialidades, com Eduarda Ferreira, José Alberto Simões e Maria João Silva; e Cultura organizacional, supervisão, práticas e reflexões, com Paula Cristina Martins. ■

Conferência Internacional

Acolhimento de Jovens em Instituição: Proteger, Prevenir e Capacitar – Desafios à Intervenção

12 novembro 2015 | 14h30 – 18h30

Auditório 2

14H30 | ABERTURA

Artur Santos Silva, *Presidente da FCG*

Armando Leandro, *Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens*

Helena Isabel Almeida

Pediatra, Coordenadora do Grupo de proteção de crianças em risco, Diretora Clínica do Hospital Fernando da Fonseca

Paulo Guerra

Juiz desembargador, Diretor adjunto do CEJ

15H | CONFERÊNCIA

Residential Care for Children and Youth: Relationships, Protection and Growth



Andrew Kendrick

Professor of Residential Child Care, School of Social Work and Social Policy – Univ. de Strathclyde, Glasgow, Escócia.

António Santinha

Diretor da “Casa da Fonte”, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Ana Dias Cordeiro

Jornalista – Jornal Público

Moderação e Comentários: **Daniel Sampaio**

Coordenador científico do Programa Crianças e Jovens em Risco, Fundação Calouste Gulbenkian

17H30 | CONFERÊNCIA

Os Direitos da Criança: riscos e oportunidades



Marta Santos Pais

Representante especial das Nações Unidas em matéria de Violência contra as Crianças

15H45 | MESA REDONDA

Desafios ao Acolhimento de Jovens em Instituição

Moderação: **Elisabete Caramelo**

Diretora de Comunicação, Fundação Calouste Gulbenkian

Moderação: **Armando Leandro**

Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Maria João Leote de Carvalho

Programa Crianças e Jovens em Risco, Fundação Calouste Gulbenkian

Comentários: **Ana Nunes de Almeida**

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa



My Ain Folk, de Bill Douglas

A infância nos filmes

O programa de cinema **Nos Caminhos da Infância** prossegue este mês, na Sala Polivalente do CAM, com filmes de Nikolai Ekk e Vittorio de Seta. Programado pela associação Os Filhos de Lumière, este ciclo é composto por filmes que tocam “a infância, o imaginário e as questões que cada realizador levanta sobre o que é crescer e aprender a viver o mundo”.

No dia **6 de novembro**, sexta-feira, às 21h, é exibido *O Caminho da Vida* (1931), o primeiro filme sonoro feito na ex-URSS e que conta a história de um grupo de jovens órfãos que, para escapar à pobreza e à delinquência em Moscovo, são recrutados por um professor “moderno” para uma colónia de trabalho no Leste do país. Aí adquirem novas competências e responsabilidades, numa caminhada rumo à integridade pessoal onde não faltam desafios e obstáculos. Realizado por Nikolai Ekk (que teve entre os seus mestres Eisenstein), *O Caminho da Vida* é um filme importante na história do cinema russo cuja força reside na sua autenticidade, misturando de forma perfeita atores profissionais e não profissionais.

No dia **7, sábado**, é exibido em duas partes (15h e 18h30) *Diario di un Maestro*, de Vittorio de Seta. Realizado em 1973, o filme segue um jovem professor, que acaba de chegar a uma escola situada na periferia da cidade de Roma. Em vez de ignorar a sua sala de aula semivazia, decide confrontar o problema do incumprimento da escolaridade obrigatória, não de uma forma burocrática, mas procurando as crianças da vizinhança que não frequentam as aulas e oferecendo-lhes uma estrutura absolutamente atípica, quase revolucionando o programa daquela época. O resultado é o nascimento de uma relação enriquecedora entre os pequenos alunos e o professor.

O programa *Nos Caminhos da Infância* conta também com a presença de autores, cineastas e pedagogos que participam em várias conversas e mesas-redondas sobre os filmes apresentados. Em novembro participam nestas sessões o realizador, ator e crítico de cinema Pierre Léon, o historiador de cinema Bernard Eisenschitz e o diretor da Cinemateca Portuguesa José Manuel Costa, bem como o arqueólogo e prémio Pessoa Cláudio Torres e a jornalista, linguista e professora Manuela Barros Ferreira. ■

Vision Europe Summit 2015

O Futuro do Estado Social

A primeira conferência anual do consórcio de fundações e *think tanks* europeus designado Vision Europe Summit, de que faz parte a Fundação Calouste Gulbenkian, vai realizar-se nos dias **17 e 18 de novembro**, em Berlim, para discutir *O Futuro do Estado Social*.

Criado em janeiro deste ano, o consórcio Vision Europe Summit reúne a fundação Bertelsmann Stiftung (Gütersloh), o *think tank* Bruegel (Bruxelas), a Chatham House (Londres), a fundação Compagnia di San Paolo (Turim), o Notre Europe – Jacques Delors Institute (Paris), o Sitra – The Finnish Innovation Fund (Helsínquia) e a Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).

A sua missão é promover a integração europeia refletindo sobre alguns dos desafios mais prementes para as políticas públicas na Europa. A colaboração entre os *think tanks* e fundações que participam neste consórcio desenvolve-se por meio de grupos de trabalho, com o objetivo de produzir em conjunto recomendações no âmbito das políticas públicas, aplicáveis à União Europeia e aos governos nacionais.



Vision Europe Summit 2015, em Berlim.

TRANSFORMAR O ESTADO SOCIAL

Num contexto em que a despesa pública com o Estado social tem vindo a crescer em todos os Estados europeus – excedendo 20 por cento do PIB nos países representados neste consórcio (Alemanha, Bélgica, Finlândia, França, Itália, Reino Unido, Portugal) –, o Vision Europe Summit 2015 pretende ajudar a encontrar soluções sustentáveis para o futuro dos Estados sociais na Europa, contribuindo com sugestões inovadoras que permitam lidar com vários desafios, entre os quais o demográfico. Da conferência em Berlim sairá uma declaração conjunta das fundações e *think tanks* europeus que participam neste consórcio. Serão também divulgados nesta ocasião os resultados de um inquérito sobre as atitudes dos cidadãos relativamente ao Estado social, que podem ajudar a formular uma resposta à questão “Transformar o Estado social: em quê, como e para quem?”. ■

O Papel do Voluntariado no Século XXI

O valor económico, social e pessoal do voluntariado e as tendências e desafios para o futuro do voluntariado vão estar em debate na Fundação Calouste Gulbenkian, no dia **25 de novembro**, no âmbito da iniciativa Lisboa Capital Europeia do Voluntariado.

Em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, vários *workshops* e uma conferência no Auditório 3 da Fundação preenchem esta jornada dedicada ao voluntariado, em que serão colocadas questões como a coexistência do trabalho voluntário e do trabalho remunerado, as aprendizagens decorrentes do voluntariado e mais-valias para o desenvolvimento de competências, a importância do voluntariado para a gestão de recursos humanos, o voluntariado no sis-

tema de ensino formal e o seu papel na preparação de pré-reformas.

A conferência irá trazer imagens e testemunhos de projetos e experiências inovadoras de voluntariado em Portugal, para falar da forma como as novas gerações encaram o voluntariado e os desafios que se avizinham. Com a presença de Diogo Alarcão (Mercer), João Pedro Tavares (Accenture/Junior Achievement Portugal) e Raul Galamba (McKinsey/Fundação Manuel Violante), entre outros, o programa da conferência *O Papel do Voluntariado no Século XXI* terá como orador principal Francesco Galtieri, da ONU Volunteers, com uma intervenção sobre “Voluntariado e Participação Cívica: uma nova forma de contrato social”. ■



© Mária Lessa

Bolsas Gulbenkian

Factos e números

Em outubro, antigos bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian reuniram-se para o encontro Bolsas Gulbenkian – Percursos Profissionais. Além da partilha de histórias e momentos que as Bolsas Gulbenkian já proporcionaram, foram apresentados cinco estudos sobre os percursos académicos e profissionais dos bolseiros.

Entre 1956 e 2014, a Fundação Calouste Gulbenkian concedeu 85 455 bolsas, nas mais diversas áreas. Passados quase 60 anos desde a primeira bolsa, foram apresentados cinco estudos onde é feita uma análise à perceção dos antigos bolseiros da Fundação sobre o impacto que as bolsas têm tido nas suas formações enquanto indivíduos, bem como nas suas carreiras profissionais. Divididas em cinco volumes, correspondentes a bolsas em cinco áreas distintas – música, licenciatura e pós-graduação, PALOP e Timor-Leste, investigação em cultura portuguesa e lusófona, e Belas-Artes –, estas edições revelam os resultados de inquéritos feitos a estudantes que foram bolseiros da Fundação entre 2000 e 2013. Além dos testemunhos de alguns bolseiros, os inquéritos permitem quantificar a taxa de atividade anual por género, por tipo de Bolsa ou por área de estudo, o tempo médio para obtenção do primeiro emprego após conclusão do curso, ou grau de satisfação relativamente à obtenção de emprego na sua área de preferência.

A partir das respostas dos mais de 3800 bolseiros inquiridos, foi possível entender dados importantes, como por exemplo, a taxa de emprego dos bolseiros. Estes valores situam-se entre os 74 por cento (para os bolseiros de Belas-

Artes) e os 88 por cento (para os bolseiros de Licenciatura e Pós-Graduação). Outro dado relevante destes inquéritos permite perceber que mais de 80 por cento dos bolseiros conseguiram um emprego nos seis meses seguintes à conclusão dos seus estudos, sendo que, na área da música, estes valores sobem até aos 92 por cento. Outro resultado de relevo mostra a percentagem de bolseiros que regressaram ao seu país de origem depois de estudar no estrangeiro. Neste caso, a fatia maior pertence aos bolseiros dos PALOP e de Timor-Leste – 80 por cento regressaram ao seu país para trabalhar depois de terminar o curso. Em sentido inverso, apenas 56 por cento dos bolseiros de música regressaram a casa no fim do seu percurso académico.

Ainda no âmbito do *Workshop Bolsas Gulbenkian*, três antigos bolseiros da Fundação – o cineasta João Mário Grilo, o compositor Luís Tinoco e o politólogo Pedro Magalhães – partilharam histórias dos seus tempos enquanto bolseiros, num debate moderado por António Rendas, reitor da Universidade Nova de Lisboa. Os estudos sobre os Bolsas Gulbenkian podem ser descarregados *online*. ■

www.gulbenkian.pt/BolsasGulbenkian

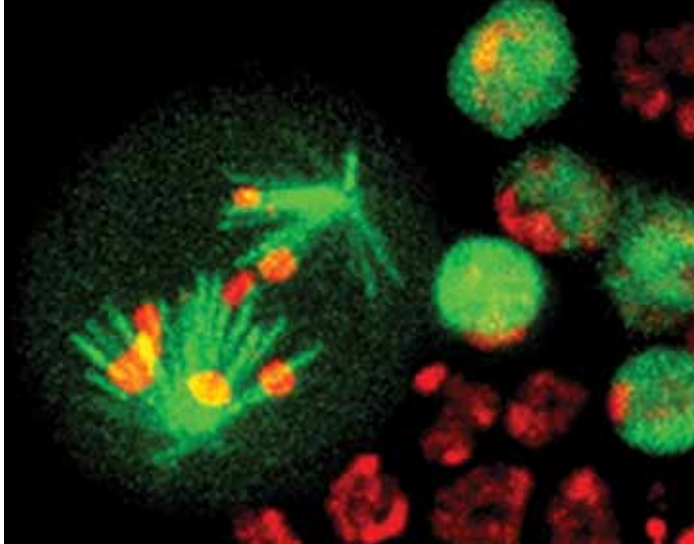


Concerto de Apoio aos Refugiados

O concerto de dia 18 de outubro, que esgotou a lotação do Grande Auditório da Fundação Gulbenkian (1200 lugares), obteve uma receita de 24 mil euros, fundos destinados à Plataforma de Apoio aos Refugiados. O concerto *Música por uma Causa*, com a Orquestra e o Coro Gulbenkian, teve a participação do violoncelista russo Pavel Gomziakov que abriu a noite com a interpretação da Suite n.º 2 em Ré menor de Johann Sebastian Bach, tocada num raro Stradivarius, uma das joias da coroa do espólio do Museu da Música, que também se associou a esta iniciativa.

Construído em 1725, este instrumento pertenceu ao rei D. Luís, e foi classificado como Tesouro Nacional em 2006. Com a Orquestra Gulbenkian, Gozmiakov tocou de seguida o Concerto para Violoncelo e Orquestra em Dó maior de Joseph Haydn. Na segunda parte, o Coro Gulbenkian, dirigido pelo seu maestro titular Michel Corboz, interpretou um programa totalmente dedicado a Johann Sebastian Bach com a participação de Fernando Miguel Jalôto (órgão), Raquel Reis (violoncelo) e Manuel Rego (contrabaixo). Todos os intérpretes atuaram *pro bono*. ■

Os erros na divisão das células



Alguns tipos de cancro, doenças congénitas ou infertilidade resultam de problemas durante a divisão das células, nomeadamente quando as células recém-formadas recebem um conjunto errado de cromossomas. Quando uma célula se divide em duas novas células, as células filhas têm de receber a mesma informação genética da célula mãe. Para tal, as moléculas de ADN contidas nos cromossomas têm de se duplicar, ficando as duas moléculas idênticas “coladas” até que a célula reúna as condições adequadas para a sua separação e distribuição pelas células filhas. Se a “cola molecular” que une as duas moléculas de ADN idênticas é perdida prematuramente, os cromossomas são distribuídos aleatoriamente, resultando em células filhas com diferente informação genética. Apesar de a célula ter mecanismos de vigilância e reparação de erros, estes defeitos parecem escapar a esses mecanismos de controlo, algo que tem intrigado os cientistas.

Um estudo liderado por Raquel Oliveira, investigadora principal do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), mostra que, após a perda prematura de coesão, as células tornam-se gradualmente menos capazes de corrigir e detetar erros de fixação dos cromossomas. Este fenómeno é explicado por Mihailo Mirkovic, aluno de doutoramento e primeiro autor do estudo: “Os mecanismos que detetam e corrigem defeitos na fixação correta dos cromossomas são ultrasensíveis à atividade do regulador mestre da divisão celular, a proteína CDK1. Esta proteína garante a correta separação do material genético durante a divisão das células. Mas ironicamente, esta sensibilidade à CDK1 é prejudicial para as células se a coesão for perdida prematuramente, tornando-as incapazes de produzir uma resposta robusta no ponto de verificação e assim evitar erros na divisão.” Os resultados foram publicados na revista científica *Cell Reports*. ■

Programa de Doutoramento para PALOP e Timor-Leste



Até ao dia **12 de novembro**, estão abertas as candidaturas ao Programa de Pós-Graduação Ciência para o Desenvolvimento (PGCD). Em concurso estão 12 bolsas de doutoramento para alunos oriundos dos diferentes PALOP ou de Timor-Leste. Este programa de doutoramento tem uma primeira fase de aulas e seminários, dados por especialistas mundiais em Cabo Verde, seguida de uma segunda fase para o desenvolvimento de projetos de investigação a decorrer em centros de excelência em Portugal. No final deste período, os alunos regressam aos países de origem. O programa do Instituto Gulbenkian de Ciência tem o apoio do Ministério do Ensino Superior, Ciência e Inovação, de Cabo Verde, e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, de Portugal. Mais informações em www.igc.pt/pgcd. ■



© Catarina Júlio

IGC tem nova artista residente

A compositora e soprano franco-holandesa Camille van Lunen é a nova artista residente do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC). Durante os próximos seis meses, Camille trabalhará no ambiente científico do IGC e desenvolverá novos projetos musicais em colaboração com os cientistas da casa. Segundo a compositora, estes projetos basear-se-ão no “processo de descoberta da ciência e a sua comunicação, trazendo um potencial enorme para a criatividade musical”, manifestando ainda a sua esperança de “poder contribuir para a criatividade científica da comunidade”.

O recital de apresentação de Camille van Lunen realizou-se em outubro, no auditório principal do IGC, com obras de Schubert, Gershwin e da sua própria autoria. A artista foi acompanhada ao piano pelo marido, também músico e maestro, Roderick Shaw.

O último artista residente do IGC foi o artista plástico britânico Rob Kessler que, em 2010, explorou uma variedade de processos microscópicos culminando na obra *Jardim Porcelânico*, produzida em porcelana em colaboração com a Vista Alegre Atlantis. ■

As novas estruturas e o controlo celular

À semelhança do que acontece com o ordenamento do território de uma região ou país, também ao nível das células tem de haver um certo “ordenamento territorial”, com graves consequências para o organismo quando existem falhas. Dentro das células, há muitas estruturas microscópicas, que executam diferentes funções para permitir o normal funcionamento da célula e, em última instância, do organismo. Quando as células se dividem, essas estruturas têm de se multiplicar de modo a que as novas células estejam completamente “equipadas”. Entre estas estruturas estão os centríolos, essenciais para o funcionamento de cílios (presentes em algumas células, tais como os espermatozoides) ou para a formação de estruturas envolvidas na distribuição dos cromossomas durante a divisão celular. Se o número ou o local onde se formam os novos centríolos for errado, as células podem tornar-se disfuncionais e originar sérios problemas ao organismo, tais como a formação de tumores. Mas como é que a célula consegue controlar o seu próprio ordenamento?

Num estudo publicado na revista científica *Developmental Cell*, o grupo de investigação de Mónica Bettencourt Dias, no Instituto Gulbenkian de Ciência, desvendou o mecanismo que controla o local onde os novos centríolos são formados. Até agora sabia-se que a formação das novas estruturas ocorria junto aos centríolos já existentes, mas desconhecia-se o porquê desta localização preferencial. Os investigadores do IGC mostraram que a formação de novos centríolos depende da ativação de uma proteína, a PLK4, e viram que os centríolos pré-existentes conseguem recrutar e acumular essa proteína. Mónica Bettencourt Dias explica: “Normalmente as células não têm muita proteína PLK4 e os centríolos ‘velhos’ funcionam como um acumulador natural de PLK4. Isto permite que haja mais moléculas desta proteína nesta zona do que em qualquer outra região da célula, facilitando a sua ativação.” A desregulação da proteína PLK4 está associada a alguns tipos de cancro da mama, estando neste momento em curso ensaios clínicos que têm como alvo terapêutico a inibição desta proteína. ■

FCG e Universidade de Cabo Verde reforçam parceria



Judite de Nascimento, Reitora da Universidade de Cabo Verde, e Isabel Mota, Administradora da F.C.G. © Mária Lessa

A Fundação Calouste Gulbenkian e a Universidade de Cabo Verde (UniCV) assinaram em outubro mais uma parceria para formação e qualificação de quadros superiores em áreas consideradas prioritárias pelo Governo cabo-verdiano na sua estratégia de crescimento e redução da pobreza, lançada em 2014. Nesta parceria, a Fundação Gulbenkian vai apoiar o lançamento do doutoramento em Gestão e Políticas Ambientais, uma área considerada prioritária e que permitirá aumentar o nível de formação de quadros do corpo docente, bem como a formação e aquisição de competências por parte de técnicos dos ministérios e de instituições ligadas ao Estado e ao sector ambiental. A Engenharia Civil é outra das prioridades do governo, estando previsto o apoio a cursos de especialização nesta área.

O sistema de gestão global integrado da UniCV é outro dos objetivos do contrato assinado em outubro. O sistema de gestão integrada, que vai ser instalado, permitirá a automatização de processos e procedimentos internos, de modo transversal a toda a academia. Para Isabel Mota, esta assinatura representa um passo importante na “qualificação de quadros nos domínios escolhidos pelo programa de desenvolvimento de Cabo Verde”. A administradora da Fundação Gulbenkian considera esta uma ação “fundamental para o progresso do país e para a luta contra o desemprego”, já que vai criar condições para que o investimento que é feito nas pessoas fique na instituição e no país.

A Fundação Gulbenkian tem vindo a apoiar a universidade cabo-verdiana, quer na formação de professores em Cabo Verde, quer no apoio a mestrados, cursos de especialização, missões de assistência técnica e projetos de investigação. ■



A evolução dos hospitais em exposição

A té 20 de dezembro, a Fundação Calouste Gulbenkian apresenta a exposição Saúde e Arquitetura em Diálogo, que mostra a evolução dos hospitais ao longo dos séculos. A exposição, de entrada livre, foi inaugurada durante o Fórum Gulbenkian Saúde 2015 (outubro) e inclui objetos, plantas e maquetes de unidades hospitalares portuguesas e estrangeiras, selecionadas pelo seu carácter inovador em cada época, organizados em três núcleos – Histórico, Contemporâneo e de Novas Tecnologias. ■

Guilherme d'Oliveira Martins na Fundação

O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian cooptou como novo membro executivo Guilherme d'Oliveira Martins. Licenciado e mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, **Guilherme d'Oliveira Martins** (n. 1952) exerceu até final de outubro as funções de presidente do Tribunal de Contas e tem uma vasta experiência de dedicação à causa pública e de intervenção cívica e cultural.

O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, presidido por Artur Santos Silva, integra ainda os administradores executivos Isabel Mota, Teresa Gouveia, Martin Essayan e José Neves Adelino, e os administradores não executivos Emílio Rui Vilar, José Joaquim Gomes Canotilho e António Guterres. ■



Prémio Branquinho da Fonseca

O Prémio Branquinho da Fonseca, destinado à literatura infanto-juvenil, vai ser entregue no dia **13 de novembro**, pelas 18h30, no Auditório 3. Este ano, foi vencedora na modalidade infantil a obra *Tiago, o Colecionador-Quase-Nuvem*, da autoria de Vanessa Mendes Martins. A autora tem 29 anos, é professora de Filosofia e escreveu este livro sobre um jovem “cabeça no ar”, à volta com coleções. O Júri decidiu não atribuir o Prémio na modalidade juvenil por considerar que, dos originais apresentados, nenhum atingiu o grau de exigência que se impôs desde que o Prémio foi instituído.

O Prémio Branquinho da Fonseca é uma iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal *Expresso*, que tem como objetivo incentivar o aparecimento de jovens escritores (entre os 15 e os 30 anos) de literatura infantil e juvenil. ■



Arte para a infância

O V Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano, que terá o seu foco na formação profissional para a primeira infância e a sua relação com práticas artísticas, realiza-se no dia **14 de novembro**, na Fundação Calouste Gulbenkian. Durante o encontro, serão partilhadas experiências de trabalho realizadas no Brasil, no âmbito da Música, e de trabalhos desenvolvidos ao ar livre e na floresta, na Dinamarca. A organização deste encontro é do projeto GerminArte, apoiado pela Fundação, que tem como finalidade contribuir para o desenvolvimento social e humano a partir da primeira infância. Mais informações e inscrições (gratuitas): www.musicateatral.com/germinarte ■



*Bernardo Pinhal | 26 anos **

"Basileia tem uma escola de música incrível"

COMEÇOU A TOCAR PIANO AINDA MUITO NOVO. QUANDO TEVE A CERTEZA DE QUE QUERIA SEGUIR ESTE CAMINHO?

Na verdade não me lembro de alguma vez ter querido ser outra coisa – músico. Mesmo antes de começar a ter aulas formalmente, que foi muito cedo, passava horas a tentar reproduzir a música que os meus pais, que não são músicos, punham a tocar na aparelhagem num pequeno teclado de brincar (e isto ainda recorde). Como a música era muito diversificada (e sempre de gosto cuidado), passei toda a juventude a querer explorar todas as formas musicais que me fascinavam, para além da música clássica, que era, contudo, a mais ouvida: o jazz, o rock inglês dos anos 60 e 70, o canto popular, e mais tarde até alguma música eletrónica, mais experimental. É vastíssima a quantidade de música interessante que a humanidade já fez... mas há que escolher um caminho. E o caminho que eu achei que mais

decentemente podia servir a música era este, tocar piano, e essa escolha fi-la com absoluta certeza aos 16 ou 17 anos. Além do mais, há uma quantidade infinita de boa música escrita para o meu instrumento... uma vida não chega para a tocar toda.

JÁ RECEBEU PRÉMIOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS. DE QUE FORMA ESTAS DISTINÇÕES CONSTITUEM UM INCENTIVO PARA A SUA CARREIRA?

As distinções não me interessam assim tanto. Não tenho nada contra quem dedique a sua vida a fazer concursos e, eu próprio, planeio fazer um par de concursos "grandes" nos próximos dois anos, independentemente do resultado que vier a ter; é um excelente treino e tem a sua importância. Mas a verdade é que não é coisa que me entusiasme muito.



Basel, Suíça

ENTRE AS EXPERIÊNCIAS MUSICAIS VIVIDAS EM VÁRIAS CIDADES QUAL A QUE MAIS O MARCOU?

Para já, a cidade onde me encontro agora é, de longe, a que me mais me marcou. Basileia tem uma escola de música absolutamente incrível. Para além de ser das maiores da Europa, tem um nível médio de docentes absolutamente extraordinário, melhor que o da Reina Sofía em Madrid e com a vantagem de ser uma escola normal, moderna, e não conservadora e ditatorial. Na Suíça, além de (muito!) dinheiro, há gosto pela música, pela música antiga, pela música contemporânea. Todas as semanas há um número infinito de concertos com música nova, por exemplo; as grandes “estrelas” vivas da música vêm ao Stadt Casino, o nosso mais importante auditório, algumas dão *masterclasses* na escola, e o nível artístico e cultural de muitos colegas é mesmo muito alto.

PORQUE ESCOLHEU BASILEIA PARA CONTINUAR A SUA FORMAÇÃO?

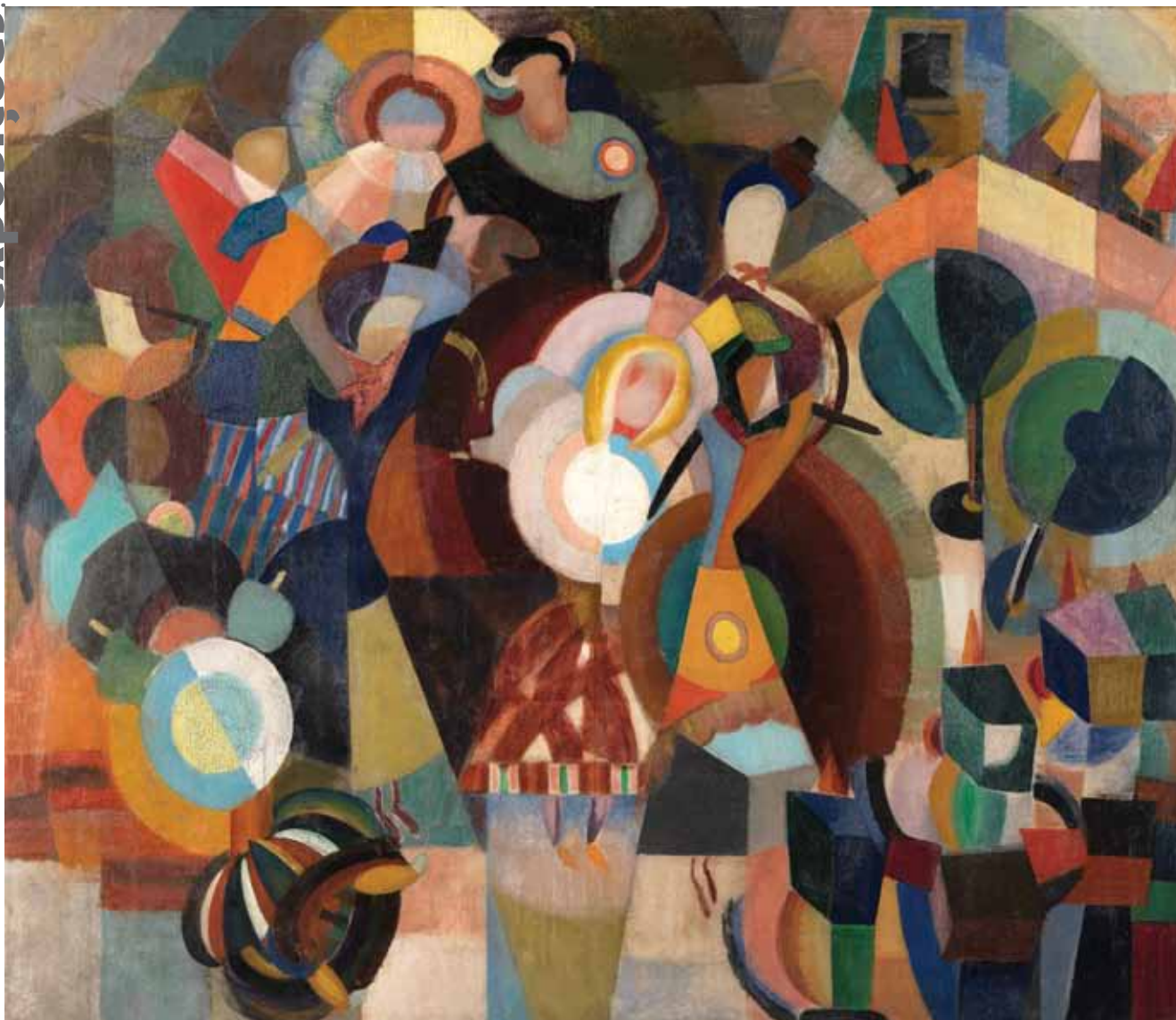
Por causa do meu professor – Claudio Martínez Mehner. Conheci-o num curso em Portugal, aos 20 anos, e soube de imediato que era a única pessoa que queria ter como professor na vida. Considero-o um génio! Tem como principal referência o Ferenc Rados, um já octogenário pianista húngaro. O meu professor é um homem que é capaz de tocar ao piano literalmente qualquer coisa que tenha ouvi-

do pelo menos uma vez na vida, de qualquer época ou instrumento, e em qualquer tonalidade. Tudo isto porque a única coisa que lhe interessa é o mecanismo da música, o que a constitui, o sistema. Basicamente, ensina-nos a compreendê-lo e a não perturbá-lo – digo-o muito resumidamente, é claro. Está a ser uma experiência absolutamente extraordinária, apesar de termos, volta e meia, conflitos de opiniões e princípios. Foi assistente (depois de aluno vários anos) do meu anterior professor, Dimitri Bashkirov, e não poderia ser mais radicalmente contrário a ele.

ONDE SE IMAGINA DAQUI A 10 ANOS?

Se me perguntar onde me imagino daqui a um ano, dois – em Portugal. Além de ainda ter que fazer um mestrado em Pedagogia para poder dar aulas, que tem que ser obrigatoriamente feito no nosso país, tenho uns projetos interessantíssimos a começarem. O futuro dirá como resultarão e o tempo que por lá permanecerei. Sinto que, agora que vou ficar sozinho, sem professor, posso potenciar tudo o que sei; questionar estes anos de experiências musicais incríveis, desde os dois Borges Coelho no Porto, ao contacto com o mundo soviético em Madrid e agora em Basileia, com um predominante pensamento antirrusso, até. Agora quero é tocar... principalmente música de câmara. Agora é que sinto vou aprender a sério. Daqui a dez anos... como saber? ■

* Bolsa de estudo para aperfeiçoamento em Música na Musik Akademie Basel, em Basileia, na Suíça.



Eduardo Viana, *A Revolta das bonecas (A Revolta)*, s.d. (1916) © Luísa Oliveira

O Círculo Delaunay

Esta exposição, que abre ao público no dia 20, vai explorar o contexto criativo que rodeou Robert e Sonia Delaunay, durante o curto exílio do casal em Vila do Conde, há um século, entre maio de 1915 e janeiro de 1917.

Amadeo de Souza-Cardoso e Eduardo Viana, que integravam já o círculo dos contactos e amigos dos Delaunay em Paris, são membros ativos deste grupo, que se alargou a José Pacheco e ao jovem Almada Negreiros, na altura com 22 anos. Outro nome importante é o do pintor americano Samuel Halpert que Robert Delaunay tinha conhecido na Bretanha e que os visita em Portugal. Durante este período, marcado por intenso trabalho e por um grande dinamismo criativo, o casal Delaunay ensaia pintura a cera misturada

a quente com pigmento, a qual contribuiu para uma maior vibração dos contrastes simultâneos (“pintura órfica”, como ficou conhecida). Amadeo, Eduardo Viana e Samuel Halpert adotam igualmente esta técnica, obtendo camadas de cores mais saturadas e aveludadas.

A exposição vai apresentar muitos dos trabalhos realizados em Portugal nesses anos, destacando o projeto coletivo a que chamaram *La Corporation Nouvelle* (Nova Corporação) e em que colaboram Amadeo, Viana e Almada, nela se inscrevendo igualmente Blaise Cendrars, Guillaume Apollinaire e o pintor russo Daniel Rossiné (ou Vladimir Baranov-Rossiné). Esta ideia nasceu, nas palavras de Robert Delaunay, “da necessidade de entreaajuda das artes mais do que nunca em



Sonia Delaunay, *Chanteur Flamenco (Petit Flamenc)*, 1916 © Paulo Costa

perigo, mais do que nunca uma realidade universal” e previa exposições itinerantes de norte a sul, de este a oeste, e a produção de álbuns, vendidos por subscrição e que acompanhariam as exposições, numa ação organizada de união entre artistas.

A acompanhar esta mostra, será publicado um catálogo com textos de investigação que aprofundam o tema, focando, nomeadamente, a relação de trabalho de Sonia e Robert Delaunay com Amadeo e com o galerista futurista italiano radicado em Estocolmo Arturo Ciacelli, responsável pela apresentação em Estocolmo, em 1916, da única exposição que se pode inscrever no quadro da Corporation Nouvelle. O volume destaca igualmente a encomenda a Sonia Delaunay de uma pintura mural para ser realizada em azulejo na fachada de um edifício em Valença do Minho, a influência da pintura simultânea, desenvolvida por Robert e Sonia Delaunay na poética literária e visual de Almada Negreiros e ainda a relação próxima de Eduardo Viana com os Delaunay. ■



José de Almada Negreiros, *S/ título (Arlequim)*, 1923 © Paulo Costa



Amadeo de Souza-Cardoso, *Estudo para Exposições Itinerantes - Nova Corporação* (pormenor), c.1915 © Paulo Costa

O Círculo Delaunay

20 nov 2015 – 22 fev 2016

Curadoria: Ana Vasconcelos

CAM

Vanguardas Migrantes do Século XX

No âmbito das exposições *O Círculo Delaunay e Hein Semke: um Alemão em Lisboa* (ver pág. 23), a Fundação Gulbenkian acolhe um simpósio internacional dedicado às *Migrações da vanguarda*, com especial enfoque no período entre as guerras (1918-1939).

De **19 a 21 de novembro**, vários especialistas internacionais vão discutir a importância das migrações artísticas na formação de vanguardas, considerando não só os grandes movimentos de migração das “periferias”

para os grandes centros de produção artística, como Paris, Berlim ou Moscovo, mas também as tendências e circuitos migratórios entre outras regiões.

Este simpósio é uma iniciativa conjunta do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. ■

<https://institutodehistoriadaarte.wordpress.com/>



Willie Doherty, *Remains*, 2013

Willie Doherty

Uma e Outra Vez

Duas vezes selecionado para o Prémio Turner (1994 e 2003), Willie Doherty (Derry, 1959) é um dos artistas mais proeminentes da contemporaneidade. Trabalhando sobretudo com vídeo e fotografia, o seu universo é singular, dominado pela tensão entre indivíduo e sociedade e entre natureza e espaço urbano.

A exposição que o CAM apresenta – *Uma e Outra Vez* – assume um carácter antológico, focando-se sobretudo no trabalho mais recente e tendo como fio condutor a presença da figura humana (ou traços da sua presença).

O trabalho de Doherty remete para uma reflexão sobre a Irlanda, mais precisamente, sobre a tensão entre Sul e Norte, entre Este e Oeste, entre república e reino, entre protestantes e católicos, entre vítimas e agressores. A força da sua obra está em levantar questões incómodas que nos retiram de qualquer zona de conforto definitivo.

Nascido na cidade de Derry, a segunda maior cidade da Irlanda do Norte, atravessada por um rio que é a fronteira física e natural (o elemento visível de uma outra fronteira invisível muito mais profunda), nunca cai na tentação de escolher um dos lados, a não ser o da reflexão aprofundada sobre a geografia política irlandesa e, em última análise, sobre a condição humana. O artista reflete sobre a tensão,

a violência, a morte e o desaparecimento sem nunca apresentar qualquer imagem de violência explícita. Pelo contrário, a obra numa primeira aproximação parece atravessada por uma tendência bucólica: florestas, campos verdejantes, rios, flores, mas depois as águas estão escuras ou paradas, há lixo por entre as ervas, o corpo de um homem caído, imobilizado e abandonado, ou simplesmente um garfo ou um rolo de arame.

A relação entre palavra e imagem é uma das suas marcas autorais mais fortes. O texto que acompanha as imagens filmadas surge a maior parte das vezes como uma narrativa paralela à narrativa visual, criando, uma vez mais, uma fronteira invisível ao nível da percepção, que reforça a multiplicidade de leituras e perspectivas.

Willie Doherty representou a Irlanda na Bienal de Veneza em 1993 e em 2007, esteve presente na Bienal de São Paulo em 2003, e mais recentemente participou na 13.^a Documenta de Kassel. ■

Willie Doherty. Uma e Outra Vez

20 nov 2015 – 22 de fev 2016

Curadoria: Isabel Carlos

CAM

Hein Semke

Um Alemão em Lisboa

Esta exposição apresenta aspetos pouco conhecidos da produção artística de Hein Semke (1899-1995), ao mesmo tempo que atualiza o conhecimento sobre a sua obra e o seu contexto criativo.

Artista quase autodidata, a sua vasta atividade artística abarca várias linguagens, da escultura à gravura, pintura, colagens, tendo produzido 34 livros de artista entre 1958 e 1986. Hein Semke emigrou para Portugal em 1929 depois de ter participado, aos 18 anos, na I Guerra Mundial, tornando-se um pacifista convicto. Em 1930, doente, regressa à Alemanha, onde, uma vez recuperado, estuda arte na Escola de Artes e Ofícios de Hamburgo (cerâmica e escultura) e na Academia de Belas-Artes de Estugarda (escultura). A arte torna-se a sua razão de viver, uma vocação que não mais abandonará. Em 1932, regressa a Portugal, onde ficará a viver até à data da sua morte.

A exposição incide sobre as obras de arte que integraram a doação feita ao CAM, em 2013, e os livros de artista entretanto doados à Biblioteca de Arte da Fundação. De modo a possibilitar uma visão mais abrangente dos vários núcleos trabalhados, serão apresentadas ainda obras provenientes de duas coleções particulares e duas coleções públicas (Museu José Malhoa e Museu Nacional do Azulejo).

A documentação sobre o artista, recentemente doada à Biblioteca de Arte, permitirá apresentar aspetos inovadores sobre a sua obra e pensamento artístico. ■



Hein Semke, fotografado por Wolfgang Sievers, Lisboa, 1934.

Hein Semke. Um Alemão em Lisboa
20 nov 2015 – 22 fev de 2016
Curadoria: Ana Vasconcelos
CAM

As Casas na Coleção do CAM

Partindo da coleção do CAM, esta exposição reúne obras que relacionam arte e arquitetura, o corpo e a casa. Numa época caracterizada pela mobilidade, desorganização do espaço e vivência num mundo virtual, as casas continuam a distinguir-se por serem lugares de intimidade, abrigo e segurança, repletas de memórias.

A exposição percorre o século XX, com trabalhos de escultura, pintura, vídeo, fotografia e instalação de artistas como Ana Vieira, Rachel Whiteread ou José Pedro Croft, incluindo também um considerável número de obras produzidas recentemente de Heimo Zobernig, Thomas Weinberger, Gil Heitor Cortesão (ver pág. 30) ou Leonor Antunes, entre outros. Desta última artista, que trabalha no universo da arquitetura e do *design*, será apresentada uma instalação recentemente adquirida pelo CAM. ■



Carlos Nogueira, *Desenho de construção com casa e céu*, 2005

As Casas na Coleção do CAM
20 nov 2015 – 31 out 2016
Curadoria: Isabel Carlos e Patrícia Rosas Prior
CAM

Wentworth-Fitzwilliam

Uma Coleção Inglesa

Cinquenta e seis obras da Coleção Fitzwilliam, uma das mais prestigiadas coleções privadas de arte do Reino Unido, podem ser vistas numa exposição inédita, na Fundação Calouste Gulbenkian, a partir do dia **27 de novembro**. Será uma oportunidade única para admirar obras de mestres como Anton van Dyck, Sir Joshua Reynolds, Canaletto, Claude Lorrain, Sir Thomas Lawrence, Claude Joseph Vernet, William van de Velde II, Jan van Goyen, Hans Memling, Salomon van Ruysdael, e ainda George Stubbs, artista que se celebrou no Reino Unido pelas suas monumentais pinturas de cavalos.

Intitulada *Wentworth-Fitzwilliam. Uma Coleção Inglesa*, a exposição vai mostrar o melhor de uma coleção reunida ao longo de 400 anos e que testemunha alguns momentos cruciais da História de Inglaterra. À semelhança da coleção de pintura reunida por Calouste Sarkis Gulbenkian, o retrato e a paisagem predominam nesta coleção britânica. Remontando ao tempo de Guilherme, o Conquistador, esta família esteve, durante séculos, indissociavelmente ligada à propriedade de Wentworth Woodhouse, no Yorkshire, no Norte de Inglaterra. Nesse extenso domínio, que albergou os tesouros da coleção ao longo de mais de três séculos, foi edificada uma residência sumptuosa, cuja construção se iniciou em 1725, com uma fachada de 180 metros de largura, então a mais longa da Europa.

Os dois maiores colecionadores da família destacaram-se também pelo seu profundo envolvimento político. Thomas Wentworth (1593-1641), 1.º conde de Strafford, governou como vice-rei na Irlanda, tornando-se mais tarde conselheiro-mor de Carlos I. Encomendou vários retratos de membros da família e de figuras ligadas ao poder a Anton van Dyck, pintor da corte do rei Carlos I que marcaria de forma decisiva a arte do retrato em Inglaterra. Van Dyck foi autor do seu retrato de corpo inteiro inspirado numa obra célebre de Ticiano, bem como do retrato dos seus três filhos, obras em destaque nesta exposição.

O segundo grande momento da coleção deveu-se a Charles Watson-Wentworth (1730-1782), 2.º marquês de Rockingham, que acabaria por se tornar um distinto colecionador de escultura antiga. Foi por duas vezes primeiro-ministro do partido *whig*, de tendência liberal, bem como chefe da Câmara dos Lordes. Os retratos onde surge representado, quer pintados por Sir Joshua Reynolds quer esculpidos por Joseph Nollekens, e que aqui se apresentam, dão a dimensão do homem ímpar que foi. Apaixonado pelas corridas de cavalos e por tudo o que a elas pudesse estar



Philip de Laszlo, *Retrato de Maud, 7ª Condessa Fitzwilliam*, 1911

associado, foi mecenas de George Stubbs, o que deu origem a uma sequência de pinturas de valor superlativo, de escala monumental, de que é exemplo o famoso *Whistlejacket* (The National Gallery, Londres). Lisboa terá o raro privilégio de acolher quatro obras deste pintor, cujas obras se encontram conservadas unicamente no Reino Unido, nos Estados Unidos e em países da atual ou da antiga Commonwealth. Entre as obras mostradas ao público nesta exposição, estará um catálogo produzido em 1870, composto por 258 ilustrações pintadas à mão das obras na altura conservadas na residência da família Fitzwilliam. Esta coleção foi exibida pela última vez em 2006 no Chrysler Museum of Art, em Norfolk, Virgínia, EUA. ■

Wentworth-Fitzwilliam. Uma Coleção Inglesa

27 nov 2015 – 28 mar 2016

Curadoria: Luísa Sampaio

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DA SEDE



Eugène Delacroix, *Flamma Vestalis* © FCG. Foto: Catarina Gomes Ferreira

A par da exposição *Wentworth-Fitzwilliam. Uma Coleção Inglesa*, o Museu Gulbenkian vai apresentar um conjunto de peças de produção inglesa ou “ao gosto inglês”, adquiridas pelo Colecionador ao longo da sua vida, muitas delas correspondendo aos anos passados em Londres e à génese da sua coleção. Em foco estarão obras que se encontram habitualmente em reserva, algumas delas nunca mostradas, a que se vai juntar o *Retrato de William Keppel*, de Sir Joshua Reynolds, pintura oferecida por Calouste Gulbenkian ao Museu Nacional de Arte Antiga, em 1949, e agora cedida para esta exposição.

Calouste Sarkis Gulbenkian estabeleceu relações duradouras com o Reino Unido desde cedo: formou-se em Engenharia e Ciências Aplicadas no King’s College, em Londres, foi lá que casou e mais tarde fixou residência, acabando por adquirir a nacionalidade britânica em 1922. A partir da importante praça financeira londrina (tinha escritórios na City, em St Helen’s Place), promoveu negócios a nível global e desenvolveu uma rede de contactos com negociantes e especialistas de arte, muitos dos quais foram figuras-chave no aconselhamento das suas aquisições e no destino a dar às suas coleções.

Calouste S. Gulbenkian e o Gosto Inglês

O ecletismo que caracteriza as suas múltiplas escolhas, percorrendo as produções artísticas de diferentes geografias e culturas, encontra em Inglaterra o ambiente fértil e os interlocutores certos ao desenvolvimento de um gosto singular, mas que não deixa de ter afinidades com importantes coleções de contemporâneos. No aproximar dos anos da guerra (1939-1945), efetua empréstimos de longa duração de importantes núcleos das suas coleções a prestigiadas instituições britânicas, como o British Museum (arte egípcia, 1936-1950) e a National Gallery (pintura, 1937-1950).

A importância do fundo documental que os Arquivos Gulbenkian encerram, assim como o acervo da biblioteca de documentação que Calouste Gulbenkian reuniu ao longo da sua vida, e que se encontra hoje à guarda da Biblioteca de Arte, permitem, como esta exposição comprova, desvendar um pouco mais das suas múltiplas facetas de colecionador. ■

Calouste S. Gulbenkian e o Gosto Inglês

27 nov 2015 – 28 mar 2016

Curadoria: João Carvalho Dias

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU



A ópera, a pop e as vozes anónimas

Rufus Wainwright © Matthias Clamer

*Este mês, o programa da Gulbenkian Música apresenta obras fora do comum, como é o caso do espetáculo **Be With Me Now** e dos concertos da estrela pop Rufus Wainwright, em que é interpretada uma versão sinfónica de **Prima Donna**, a sua primeira ópera. O público vai fazer ouvir também a sua voz, sob forma de **Coro Participativo**, em dois concertos com o Coro e Orquestra Gulbenkian no Grande Auditório. O Coro e a Orquestra atuam ainda fora de portas em três concertos com **Rodrigo Leão**, na apresentação do seu mais recente disco.*

Be *With Me Now* – Um percurso amoroso através da ópera europeia situa-se algures entre a ópera e a *performance* musical. O espetáculo conta a história de um jovem cantor de ópera que é deixado pela sua amada. Esta notícia e o desgosto que lhe provoca fazem-no abandonar o palco numa viagem pela Europa à procura do seu amor perdido. A sua odisseia pelo Velho Continente é acompanhada, ao vivo, por árias de óperas famosas que foram inspiradas ou criadas nas cidades por onde ele passa. Esta produção conjunta das instituições que constituem a rede europeia de academias de ópera (enóa) permite uma viagem pela música de Mozart, Bellini, Britten, Pablo Luna, Michel Lambert, Stravinsky, Wagner, Handel e Mitterer. Ao lado destes grandes compositores, peças contemporâneas encomendadas ao compositor belga Daan Janssens e ao

português Vasco Mendonça fazem a ligação entre passado e presente. Com direção musical de MaNOj Kamps e encenação de Julien Fisera, **Be With Me Now**, estará em cena no Grande Auditório no dia **10 de novembro**.

Os **dias 14 e 15** ficam marcados pelo regresso dos **concertos participativos** à Fundação Calouste Gulbenkian. Depois do sucesso da experiência da temporada passada, o Coro e a Orquestra Gulbenkian convidaram de novo o público a juntar-se-lhes na interpretação de um dos seus programas corais-sinfónicos. Liderados pelo maestro Paulo Lourenço, o coro participativo, que tem estado a ensaiar há três meses para este concerto, irá juntar-se aos músicos da casa para interpretar excertos da oratória *Messias*, de Handel.

Fora da Fundação, mais precisamente no Coliseu dos Recreios e no Coliseu do Porto, o Coro e a Orquestra acom-



Be With Me Now © Patrick Gherdoussi

panham **Rodrigo Leão**, nos **dias 18, 20 e 21**, para os concertos de apresentação do álbum *O Retiro* – um registo que foi gravado com a Orquestra e o Coro. As orquestrações para o álbum que é editado pela Deutsche Grammophon contaram com a colaboração de Steve Bartek, antigo membro da banda Oingo Boingo e braço direito do compositor Danny Elfman, e ainda com o acordeão de Celina da Piedade, enquanto a voz principal ficou entregue a Selma Uamusse. Também a apresentar um disco editado pela Deutsche Grammophon e com um passado recente de grande sucesso na música pop, **Rufus Wainwright** sobe ao palco do Grande Auditório para dois concertos, nos **dias 27 e 28 de novembro**. *Prima Donna*, a sua primeira obra operática, inspirada em Maria Callas, é o foco da primeira parte de um espetáculo que integra excertos da ópera acompanhados por uma criação vídeo de Francesco Vezzoli e que conta com a atriz Cindy Sherman no papel de Maria Callas e a Orquestra Gulbenkian sob a batuta de Joana Carneiro. Na segunda parte do concerto, o cantor e compositor canadiano recupera alguns dos seus temas mais conhecidos, clássicos da Broadway (em 2006, Wainwright chegou mesmo a conceber e interpretar um concerto de homenagem a Judy Garland, editado no ano seguinte) e algumas das suas preferências do repertório operático. ■

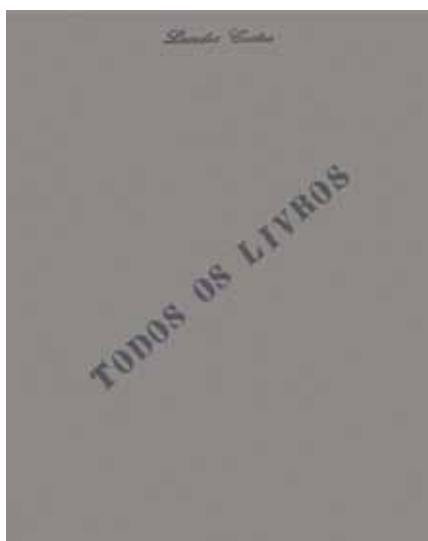


Ensaio do Coro Participativo © Márcia Lessa

Lourdes Castro Livros de artista

A Fundação Gulbenkian e a editora Documenta lançaram o catálogo raisonné dos livros de artista de Lourdes Castro, assim como Un autre livre rouge, uma obra concebida em Paris, em colaboração com Manuel Zimbro.

Todos os livros, catálogo comprovado



A exposição que a Biblioteca de Arte organizou e mostrou entre julho e outubro reuniu (quase) todos os livros de artista que Lourdes Castro (Funchal, 1930) foi criando entre a década de 1950 e os anos 1980.

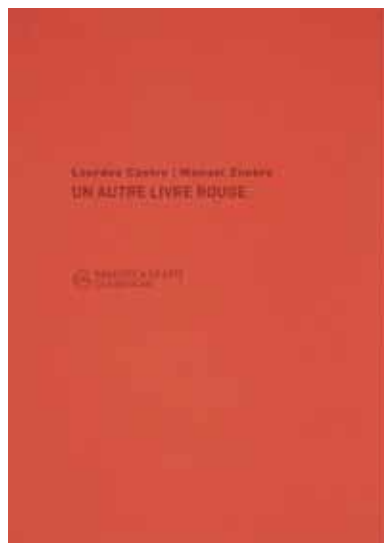
Focando-se na presença do livro e da palavra na obra da artista, esta exposição demonstrou, por um lado, a importância que este dispositivo teve no seu desenvolvimento e, por outro lado, permitiu estabelecer um percurso antológico pelas suas várias fases. Tal como a exposição, o catálogo que foi elaborado para dela ficar como memória, como escreve Paulo Pires do Vale, curador da exposição, mostra “que há uma continuidade da obra já conhecida de Lourdes Castro e dos seus livros, que ficaram, em grande parte, até agora desconhecidos”.

Este catálogo *comprovado* – termo que Lourdes Castro prefere para traduzir a palavra francesa *raisonné* – tem a chancela conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e da editora Documenta.

De edição bilingue – português e inglês –, numa primeira parte apresenta todos os livros que a artista realizou, havendo para cada um uma descrição detalhada e diversas fotografias. Uma segunda parte é composta por três textos que abordam a produção de livros de artista Lourdes Castro no contexto da sua obra e que são da autoria, respetivamente, de Paulo Pires do Vale, curador e um dos responsáveis pela organização do catálogo, de Johanna Drucker, artista norte-americana, e autora especialista na história do livro de artista e do crítico de arte José Luís Porfírio. ■



Un autre livre rouge



Para além do catálogo comprovado dos livros de artista de Lourdes Castro, foi também lançada uma edição concebida e preparada em estreita colaboração com a artista e que reúne num só volume as duas partes de *Un autre livre rouge*.

Lourdes Castro iniciou *Un autre livre rouge*, em Paris, em 1973, em colaboração com Manuel Zimbro. Criado como uma espécie de resposta ao, na época célebre, livro vermelho de Mao Tsé-Tung, Lourdes Castro e Manuel Zimbro nele reuniram todos os materiais e referências que encontraram relacionados com o “vermelho”, “aliando a dimensão conceptual, a compulsão arquivística, o cuidado gráfico e o humor”, como Paulo Pires do Vale, curador da exposição, escreveu.

Esta obra esperou cerca de 40 anos para ser revelada pela primeira vez ao público, na exposição *Lourdes Castro. Todos os livros*, e foi concebida pela artista para ser um livro-exposição. As duas partes são compostas por folhas não encadernadas onde apenas a frente é para ser vista.

Desta edição de *Un autre livre rouge*, que resultou de uma colaboração entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a editora Documenta, fez-se uma tiragem normal de 800 exemplares e uma tiragem especial de 130 exemplares, intervencionados, numerados e assinados por Lourdes Castro, dos quais 10 exemplares são acompanhados de uma serigrafia. ■

Centro de Arte Moderna

Gil Heitor Cortesão

S/Título (Manifestação)

A força da arquitetura e de um lugar próximo do imaginário está presente no trabalho de Gil Heitor Cortesão (Lisboa, 1967). No díptico de 2004, *Sem título (Manifestação)*, o artista apresenta uma cidade invadida por uma multidão que a atravessa, numa atmosfera esfumada, espécie de sonho ou representação de uma cidade futurista/fantástica. Mas esta multidão é ao mesmo tempo uma multidão sem rostos, num tempo incógnito, repleto de incerteza. Os prédios arquitetonicamente pesados e rígidos, através da pincelada e das escorrências da tinta transformam-se em edifícios fragilizados, numa artificialidade construída pelo artista numa imagem distante da realidade.

As cenas pictóricas representadas por Gil Heitor Cortesão estão constantemente rodeadas de mistério e de uma ávida relação entre passado e futuro, o que resulta em parte da técnica utilizada: o óleo sob o plexiglas, um material transparente, que o artista usa desde 1994. Cortesão utiliza o plexiglas para pintar em camadas na parte de trás do quadro, sendo esta a pintura que o observador não está a ver, criando uma textura muito característica do seu trabalho.

Imbuída de uma aura cinematográfica, como muitas das suas pinturas, esta peça lembra-nos o filme mudo do cineasta russo, Sergei Eisenstein, *O Couraçado Potemkin*, onde a multidão anónima que se revolta contra os cossacos em Odessa parte do mesmo conflito estético que a obra de Gil Heitor Cortesão: são conflitos de escalas, de volumes, de massas, conflitos de profundidade.

Obra adquirida na sequência da exposição individual do artista no CAM, intitulada *Mnémpolis*, em 2004, esta obra

"As cenas pictóricas representadas por Gil Heitor Cortesão estão constantemente rodeadas de mistério e de uma ávida relação entre passado e futuro"

é um díptico que junta, mas também separa, a multidão. É a continuação do espaço urbano, mas que também está dividido. Ou seja, a montagem do díptico é desmontagem: cada imagem trabalha para a outra imagem e as imagens estão para além do senso comum do realismo, numa hipnose de tons coloridos e azuis atmosféricos. ■

Patrícia Rosas Prior

(Esta obra estará a partir de 20 de novembro em exposição, em As Casas na Coleção do CAM.)

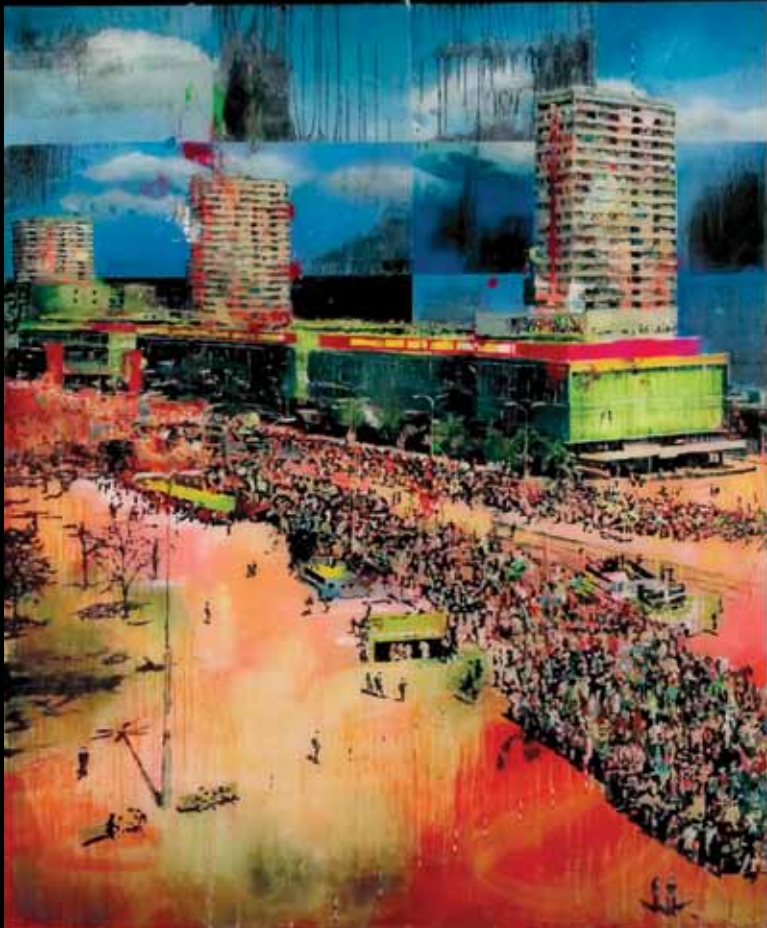
Gil Heitor Cortesão (Lisboa, 1967)

S/Título (Manifestação), 2004

Óleo sobre vidro acrílico

190 x 135 cm | 190 x 100 cm

Col. CAM – Fundação Calouste Gulbenkian; inv. 04P1262



A EUROPA PARA ALÉM DA CRISE

**CONFERÊNCIA
GULBENKIAN
30 NOV 2015**



**FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN**

15H00 ABERTURA

Artur Santos Silva

Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

15H15

**Que solidariedade
na diversidade?**

CONFERÊNCIA PRINCIPAL

Enrico Letta

Antigo Primeiro-Ministro de Itália

COMENTÁRIO

Luuk van Middelaar

Universidades de Leiden e Louvain

Paulo Rangel

Parlamento Europeu

16H45 INTERVALO

17H00

Crise de legitimidade

—

**Que crescimento
económico e
que coesão social?**

Xavier Ragot

Observatoire français
des conjonctures économiques

Henrik Enderlein

Hertie School of Governance

Elisa Ferreira

Parlamento Europeu

18H30 ENCERRAMENTO

António Vitorino

Comissário da Conferência